

Outros desenhos

Moacir dos Anjos

Em conjuntos de seis folhas justapostas de papel, Gil Vicente desvela, no emprego zeloso do nanquim sobre a aspereza do suporte, as trilhas ambíguas que o conduzem ao mais recente e maduro de seus trabalhos. Na claridade própria dos pretos e cinzas, cada desses desenhos é inequivocamente filiado a questões que faz tempo animam e dão forma à obra do artista: tornar a representação liberta de seu olhar preciso, desfazer-se de sua capacidade de captar, na luz clara que inunda o olho, os elementos que individualizam o que desenha ou pinta. Morada de sentidos, de apropriação e perda do mundo, os olhos de suas figuras são usualmente riscados, vazados ou ocultos em sombras, abstrações às avessas do encantamento com a faculdade da visão. Cada desses desenhos também traz em potência, contudo, o afastamento da acomodação do estilo, a busca inquieta pelo que sempre se esconde atrás e além do último trabalho feito.

Após traçar, em dezenas de desenhos de cabeças, um esboço do rigoroso itinerário de investigação plástica através da qual habita e vê o mundo, Gil Vicente introduz, nesses outros desenhos, o sentido da narração e do fato, quase nunca presente em sua obra. Valendo-se da grande extensão do suporte, constrói cenas em que figuras, feitas quase inteiras, são flagradas em momentos precisos de acontecimentos estranhos e densos: uma mulher nua e morta, cuja cabeça sintomaticamente não cabe no desenho, é presa dócil para o cão que lambe, contente, seus seios (**Minha mãe morta**); já de uma outra não se discerne, no dúbio jogo de mãos e braços que recorta o trabalho, se repele ou se acolhe quem a abraça (**A visita**). São cenas breves e incômodas de histórias não contadas, mas que, na mente de quem as observa, de pronto recuperam seu passado e se projetam no incerto do que ainda vem.

A solidão e a sombra a que Gil Vicente condena as figuras que desenha são magnificadas pela técnica de que faz apurado e preciso uso. Diante da brancura original das folhas, o artista deixa, em gestos medidos, que o nanquim seja gradualmente absorvido pela porosidade úmida do papel, apagando a luz que sobre

este se projeta e ocupando-o com o negro aveludado em que banha os pincéis. Nessa progressiva redução da claridade do branco, ele constrói os indefinidos fundos dos desenhos e projeta, como resíduo da busca pelo limite tênue entre o que é luz e o que é escuro, figuras tensas e frágeis, feitas de quase desaparecimento: se as costas e braços do homem que nada (**A volta**) guardam ainda os vestígios do clarão que ali havia, o tamanho da escuridão opaca que o envolve sugere o inevitável minguar das luzes e a impossibilidade de retorno a um lugar que não mais existe.

Pontuando, através da sutileza cromática que o nanquim segreda, a dor e o espanto de que suas figuras se ocupam, Gil Vicente também as submete, contudo, ao que move a sua arte e alimenta o seu ofício: o reconhecimento amoroso da matéria plástica de tudo o que transforma em traço ou mancha sobre o plano. Não é por nada que, tateando um espaço de profundidade não sabida, um outro homem mimetiza, no seu próprio corpo (**Reflexos do passeio**), as delicadas texturas e variações de cinzas do ambiente vasto que não apenas o cerca, mas o enclausura.